



LETÍCIA FERNANDA CARVALHO SILVA

AFRICAN AMERICAN ENGLISH: PERSPECTIVAS
POTENCIALIZADORAS DE IDENTIDADES NEGRAS EM
AULAS DE LÍNGUA INGLESA

LAVRAS – MG

2021

LETÍCIA FERNANDA CARVALHO SILVA

***AFRICAN AMERICAN ENGLISH*: PERSPECTIVAS POTENCIALIZADORAS DE
IDENTIDADES NEGRAS EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Letras – Português/Inglês e suas Literaturas, para a obtenção do título de Licenciado.

Prof. Dr. Gasperim Ramalho de Souza

Orientador

LAVRAS – MG

2021

LETÍCIA FERNANDA CARVALHO SILVA

***AFRICAN AMERICAN ENGLISH: PERSPECTIVAS POTENCIALIZADORAS DE
IDENTIDADES NEGRAS EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA***

***AFRICAN AMERICAN ENGLISH: ENHANCING BLACK IDENTITIES IN ENGLISH
CLASSES***

Monografia apresentada à Universidade Federal
de Lavras, como parte das exigências do Curso
de Letras – Português/Inglês e suas Literaturas,
para a obtenção do título de Licenciado.

APROVADA em 09 de novembro de 2021.

Dr. Gasperim Ramalho de Souza

Dra. Isabel Cristina Rodrigues Ferreira

Dr. Gabriel Nascimento dos Santos

Prof. Dr. Gasperim Ramalho de Souza

Orientador

LAVRAS – MG

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me guiar em minha trajetória acadêmica.

A meus familiares pelo suporte para que eu pudesse conquistar minha formação acadêmica, me tornando a primeira integrante da família a ingressar e concluir o ensino superior. À Lorenzo Ferreira, meu irmão, minha motivação maior.

Aos meus amigos, Taísa, Marcos, Carol, Iruam, Brendelim, Hali, Nadine, Vanessa, Rhaiude, Taynara e João Vitor, pelos momentos compartilhados, pelo auxílio, amizade, apoio e pelo segurar de mãos nesta trajetória.

Aos meus colegas de Letras pelos ensinamentos e companhia na luta pela educação.

Aos professores do Departamento de Estudos da Linguagem minha eterna admiração e gratidão pela excelência e compromisso com nossa formação.

A Gasperim Ramalho, meu orientador e maior modelo de docência, agradeço pela partilha de seus ensinamentos e sabedoria. Agradeço pela parceria que transcende o ambiente acadêmico. Obrigada por acreditar no potencial deste trabalho e por ser resistência junto a mim. À você meu eterno amor, respeito e gratidão.

A Norma Joseph, minha admiração por enxergar em mim potencialidades ainda no primeiro período do curso. Seu apoio e carinho foram essenciais para que eu chegasse até aqui. À você, meu eterno agradecimento e respeito.

Ao Grupo de Estudos Amefricanos Zacimba Gaba, por possibilitar o estabelecimento de um quilombo em tempos tão sombrios, pelos enriquecimentos trazidos para essa pesquisa a partir de nossos encontros. A vocês minha máxima gratidão. Ubuntu.

Agradeço, em suma, a todos que, de alguma maneira, contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui.

*“And the reason I speak a composite version of your language
Is because mine was raped away along with my history
I speak broken English so the profusing gashes can remind us
That our current state is not a mystery” (Jamilia Lyiscott)*

RESUMO

O presente trabalho qualitativo, realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica, tem como objetivo a investigação do *African American English* como artefato de fomento a práxis decoloniais de ensino de língua inglesa para a potencialização de identidades negras. Para tal, serão consideradas as tensões que atuam entre língua(gem), raça e poder, assim como sua influência na emersão e resistência do *African American English*, direcionando o foco à algumas das especificidades de tal língua. A partir disso, toma-se por escopo os benefícios pedagógicos que epistemes negras podem trazer para as aulas de língua inglesa, considerando seus desdobramentos para a propiciação de um processo de ensino e aprendizagem socioculturalmente significativo para estudantes negros/as e a (des)construção e fortalecimento de identidades negras diaspóricas.

Palavras-chave : *African American English*. Identidade. Ensino e Aprendizagem.

ABSTRACT

This qualitative research, developed through a bibliographical study, aims at investigating African American English as an artifact to promote decolonial praxis of English language teaching, enhancing black identities. Thus, the tensions among language, race and power and their influence on the emergence and resistance of African American English will be considered, focusing on some of its characteristics. From this, the pedagogical benefits that black epistemes can bring to English classes are taken as scope, considering their outcomes to promote a socioculturally significant teaching and learning process to black students, as well as the (de)construction and strengthening of diasporic black identities.

Keywords: African American English. Identity. Teaching-Learning.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
2.1 LINGUA(GEM), PODER E RAÇA	10
2.2 O SOFISMA DA LÍNGUA GLOBAL	13
2.3. <i>AFRICAN AMERICAN ENGLISH</i>: CONCEITO, ORIGEM E MOVIMENTOS	16
2.4 DAS CARACTERÍSTICAS DO <i>AFRICAN AMERICAN ENGLISH</i>	19
3. METODOLOGIA	21
4. POTENCIALIZANDO IDENTIDADES NEGRAS POR MEIO DO <i>AFRICAN AMERICAN ENGLISH</i>	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

1. INTRODUÇÃO

Narro o início deste trabalho em primeira pessoa como uma estratégia de subversão da ordem linguística padrão que induz o pesquisador a omissão identitária. Esta ação de narrar, de se colocar e se marcar pela e na linguagem, é decolonial¹. É se impor contra o apagamento de minha existência e de meu corpo diaspórico. É evidenciar meu eu marginal que existe no construir dessa pesquisa. É vivificar as revoluções e quilombos de meus ancestrais que abriram caminhos e marcaram minha alma com sua força. É dar lugar a minhas interseccionalidades² enquanto negra, pesquisadora, professora, brasileira e periférica.

Para situar o advento de meu interesse epistemológico em relação ao African American English, narrarei as vivências que me conduziram até esta pesquisa. A língua inglesa, por seu caráter imperialista e, sobretudo, a cultura negra estadunidense, gospel e secular, sempre esteve presente no meu cotidiano, principalmente nos formatos musicais e cinematográficos. A exposição a essa cultura pavimentou alguns de meus primeiros referenciais culturais, o que pode ser problematizado, mas não entrarei em tal debate no presente momento. No entanto, previamente ao processo psicossocial de “tornar-me negra”³, neguei grande parte dessas referências em nome do projeto de assimilação enfrentado por muitas e muitos de nós, negras e negros brasileiros, em diversas esferas sociais. Logo, minhas referências culturais negras foram substituídas pelas referências culturais do colonizador branco.

Durante minha infância e adolescência, não frequentei cursos privados de Língua Inglesa. Pelo contrário, o contato que tive com tal língua se deu por meio de poucas aulas de Inglês nas escolas públicas e privadas em que estudei e, majoritariamente, pelos conteúdos culturais que consumia. Ao ingressar no ensino superior, pude me dedicar mais ao estudo dessa língua. Meu processo de aprendizagem da língua inglesa foi, para além de linguístico, social, me permitindo acessar espaços e pisar em territórios previamente

¹ Esse conceito será explanado na fundamentação teórica deste trabalho.

² Termo cunhado por Kimberlé Crenshaw para pensar as complexidades de nossas identidades em CRENSHAW, K. W. *Demarginalizing the intersection of race and sex; a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics*. *University of Chicago Legal Forum*, p. 139-167, 1989.

³ Me refiro aqui ao processo minuciosamente analisado por Neusa Santos Souza em SOUSA, Neusa Santos. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal. 1983.

inalcançáveis. Felizmente, minha formação contou com perspectivas bastante variadas em relação às diversas culturas de Língua Inglesa. No entanto, ainda me recordo bem de refletir sobre a ausência de informações a respeito da distinta musicalidade presente na fala dos negros estadunidenses e sobre uma identificação transatlântica com a fala de meus irmãos diaspóricos.⁴

Embora falar a língua ícone do imperialismo tenha aberto um leque de possibilidades acadêmicas e profissionais à minha frente, falar/compreender, ainda que como *outsider*, o inglês afro-americano estadunidense me possibilitou a marcação identitária de meu ego negro defronte a discursos neocoloniais. Ao meu ver, as línguas de comunidades negras em diáspora são evidências históricas dos trajetos transatlânticos de meus ancestrais. É partindo destes trajetos que me constitui enquanto falante e professora negra brasileira de Língua Inglesa e, como resultado, me motivei ao desenvolvimento deste estudo, tomando a potencialização de identidades negras a partir do trabalho com o *African American English (AAE)* como objeto de estudo.

Em síntese, a relevância desta investigação está na fomentação de práxis decoloniais de ensino de Língua Inglesa e, além disso, na possibilidade de promover um processo de ensino e aprendizagem socioculturalmente significativo para docentes e discentes negros. Na próxima seção, as teorias que ancoraram a produção deste artigo serão apresentadas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O embasamento teórico da presente investigação posiciona os estudos sociolinguísticos e decoloniais, explorando as relações entre língua, raça e identidade como pilares epistemológicos do *African American English*. A sociolinguística, segundo Gumperz (1996), é o ramo da linguística que articula “as formas como a comunicação influi e reflete as relações de poder e dominação, com o papel que a linguagem joga na formação e perpetuação de instituições sociais, assim como, com a transmissão da cultura” aos estudos da linguagem. A decolonialidade é pensada por Walsh (2013, p. 28) como um berço para “pedagogias que incitam possibilidades de estar, ser, sentir, existir, fazer, pensar, olhar escutar e saber de ‘outro modo’, pedagogias que encaminham para projetos,

⁴ HALL, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

processos de caráter horizontal e com intenção decolonial. Aparecida Ferreira e Gabriel Nascimento reforçam esta pedagogia ao racializar (FERREIRA, 2012) a linguagem ou reivindicar uma raciolinguística (NASCIMENTO, 2019).

No que tange as singularidades do *African American English*, me apoiarei nas contribuições sintetizadas pelos linguistas John Rickford (2000) e Lisa Green (2002) para a realização da análise e discussão dos desdobramentos situados a partir do uso do *AAE* para fins educacionais. Os mencionados estudos colocam em xeque o status de padrão linguístico assumido por determinadas variações linguísticas e, no caso explorado aqui, o status de inglês padrão. A respeito da materialização de conflitos hegemônicos no campo linguístico, me fundamentarei nos trabalhos desenvolvidos por Phillipson (1992), Fanon (2008), Rajagopalan (2012) e Nascimento (2019).

Dessa forma, esta pesquisa se organiza da seguinte maneira: a priori, situarei o leitor em um debate tangente às relações que perpassam língua(gem), raça e poder. Proponho tal debate porque essas relações estabeleceram parâmetros linguísticos que inferiram na (trans)formação de identidades e línguas de comunidades diaspóricas, como o *AAE*. A problemática da língua inglesa como um sofisma global também será discutida. Em seguida, conceituarei e caracterizarei o *African American English*, expondo as condições históricas que o conceberam. No quarto capítulo, discorro sobre o processo de resistência linguística e cultural que ocorre por meio do emprego do *AAE* e a implementação de uma “Estética Diaspórica” (MERCER, 1994) em aulas de Língua Inglesa, apontando para as potencialidades geradas por práxis decoloniais de ensino e possibilidades de trabalho com o *AAE*. Finalmente, no quinto capítulo, teço as considerações finais desta investigação, reconhecendo suas contribuições para o ensino e aprendizagem de Língua Inglesa e demarcando futuras possibilidades de pesquisa.

2.1 LINGUA(GEM), PODER E RAÇA

A linguagem nos insere enquanto sujeitos no mundo e, assim, nos consagra como seres existentes (VYGOTSKY, 1998). Se pensamos a existência diaspórica, é preciso pontuar que esta existência é perpassada por diversas complexidades intrínsecas a uma das mais significativas fantasias coloniais: a língua. As línguas configuram, historicamente, espaços perpassados por conflitos hegemônicos e pela arquitetura de arquétipos sociais pejorativos sobre os condenados da terra. Percebidas como obstáculos significativos à

implementação das chacinas coloniais, terríveis massacres negros executados pelos colonizadores brancos, as línguas foram transformadas em lócus combativos, na medida em que perpetuavam a cultura e a identidade de suas comunidades de fala. Para compreender tais conflitos, é imprescindível refletir sobre como a crença em determinadas ideologias raciais e as práticas subjacentes às mesmas, incluindo movimentações populacionais forçadas e políticas escravocratas, inferiram na configuração de novas e modificadas línguas e, por conseguinte, na categorização dos povos racializados e suas línguas como degeneradas. Esta categorização colonial desencadeou, nos povos colonizados, a seguinte dicotomia linguística: supressão e marcação identitária.

Os povos amefricanos⁵, contingente majoritariamente afetado pelas práticas coloniais e imperialistas, foram alvo de um projeto de “civilização” que incluía um estratégico epistemicídio cultural e, conseqüentemente, linguístico. Degraff (2016, p.76-77) destaca tal contexto ao discorrer sobre as tentativas de utilizar a língua espanhola como instrumento de dominação no Novo Mundo:

Durante o século 15, houve um eminente linguista espanhol chamado Antonio de Nebrija, que escreveu à rainha Isabel da Espanha em 1492 para defender o papel da língua espanhola no estabelecimento de um império espanhol de sucesso no Novo Mundo. Ele ofereceu à rainha seu tratado sobre a gramática espanhola como um "instrumento do império". O objetivo, claro, era estabelecer o espanhol como uma língua superior que ajudaria a governar os “selvagens” do conquistado “Novo Mundo”. O objetivo era convencer os chamados “incivilizados” e “bárbaros” do Novo Mundo de que, para se tornarem humanos, deveriam adotar a língua espanhola e abandonar suas próprias línguas nativas. Essa lavagem cerebral transformaria então a colonização em um estado de espírito - em “escravidão mental”! Portanto, o empreendimento colonial europeu não tratava apenas de colonizar a terra, mas também de colonizar as mentes dos nativos - isto é, suas culturas, suas línguas, suas identidades.⁶

⁵ Categoria cunhada por Lélia Gonzalez em 1988 a fim de nomear os afrodescendentes do continente americano.

⁶ Todas as traduções realizadas neste trabalho são de minha responsabilidade. Degraff (2016, p. 76 - 77):“During the 15th century, there was an eminent Spanish linguist named Antonio de Nebrija who wrote to Queen Isabella of Spain in 1492 to advocate for the role of the Spanish language in establishing a successful Spanish empire in the New World. He offered the Queen his treatise on Spanish grammar as an “instrument of empire.” The goal, of course, was to establish Spanish as a superior language that would help rule the “savages” of the conquered “New World.” The objective was to convince the so-called “uncivilized” and “barbaric” people of the New World that, in order to become human, they had to adopt the Spanish language and forsake their own native languages. This brainwashing would then turn colonization into a state of mind—into “mental slavery”! So the European colonial enterprise was not only about colonizing the land, but it was also about colonizing the minds of the natives—that is, their cultures, their languages, their identities.”

Além de objetivar a colonização psíquica, as práticas colonialistas objetivavam a ampliação do poderio econômico de uma nação por meio da extorsão das demais. Para tal fim, países colonialistas fizeram uso da mão de obra escrava de povos racializados: indígenas e negros. Com o objetivo de justificar suas bárbaras ações, os invasores europeus se fundamentaram em diversas ideologias tendenciosas. Uma delas consistiu na criação do conceito biológico e político de raça, entendido nos dias hodiernos como um constructo social, que, segundo Almeida (2018 p.24) operou a partir de duas engrenagens:

1. *Como característica biológica*, em que a identidade racial seria atribuída por algum traço físico, como a cor da pele; 2. *Como característica étnico-cultural*, em que a identidade será associada à origem geográfica, à religião, à língua ou outros costumes, “a uma certa forma de existir” [...]

Em segundo plano, encontra-se a inferência das ideologias religiosas, cristãs, que legitimaram a escravização ameríndia e africana. Essas ideologias pautavam-se na falácia de que o trabalho escravo e os castigos físicos eram perpassados por um caráter redentor, o que ocasionaria a salvação dos escravizados. Em suma, a colonização marcou permanentemente as nações que tocou e devastou em diversos aspectos: econômico, político, social, dentre outros. Sobre tais marcas, Césaire (1978, p.25-26) ratifica:

Eu falo de sociedades esvaziadas de si próprias, de cultura espezinhadas, de instituições minadas, de terras confiscadas, de religiões assassinadas, de magnificências artísticas aniquiladas, de extraordinárias possibilidades suprimidas [...] Falo de milhões de homens a quem inculcaram sabiamente o medo, o complexo de inferioridade, o tremor, a genuflexão, o desespero, o servilismo.

No cerne desta ação maléfica encontra-se o âmbito linguístico, tomado pelo homem branco como palco para a marcação da discriminação racial, que toma forma pela linguagem, e, concomitantemente a isso, para a subjugação das línguas desses povos. Durante o comércio de negros subjogados, foram implementadas nocivas proibições linguísticas como uma estratégia anti-revolta na tentativa de forçar os povos africanos a abandonarem seus idiomas nativos. Ao chegar em terras estrangeiras, por exemplo, os cativos eram “introduzidos” as línguas nativas de seus “senhores”.

Nessa ótica, o imperialismo linguístico, definido por Phillipson (1992) como a prevalência de determinada língua sobre outra, com o objetivo de incluir a língua do

contingente dominante e, por conseguinte, excluir a língua de grupos dominados, emerge como um fator imprescindível no processo de apagamento cultural dos povos durante a história das sociedades. Entretanto, devido às influências de suas línguas maternas, os *eslavos* evidentemente modificaram e criaram novas formas linguísticas ao usar a língua de seus sequestradores. Assim, pode-se afirmar que os indivíduos escravizados africanizaram as línguas de seus senhores, configurando uma forma de resistência à imposição linguístico-cultural de seus sequestradores. Lélia González (1988) percebe tal africanização nas línguas espanhol, inglês e francês em algumas regiões das Américas.

Embora a resistência por meio da língua(gem) tenha existido, as variantes linguísticas oriundas de nações imperialistas e, sobretudo, contingentes brancos obtêm prestígio em relação às línguas de comunidades racializadas. A manutenção da supremacia branca na esfera linguística está não somente no discurso que demoniza as línguas faladas por povos africanos e diaspóricos, mas também no prestígio conferido à variações linguísticas caucasianas. Portanto, falar a língua do colonizador, sob as regras do colonizador, torna-se o “falar branco”. A instituição desse “falar branco” como padrão infere na construção de signos sociais pejorativos em que os indivíduos racializados são percebidos como desprovidos de capacidade intelectual e na supressão identitária de tais sujeitos. Sob os padrões coloniais perpetuados na atualidade, “falar branco” é ser civilizado, é ser humano. Fanon (2008) observa tal processo de embranquecimento ao analisar o comportamento do negro antilhano diante da Língua Francesa, concluindo que

Todo povo colonizado - isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural - toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. (p. 34)

Cabe destacar que tais sintomas coloniais frente a linguagem são também experienciados por outras comunidades afro-diaspóricas, caracterizando as ambivalências referentes ao âmbito linguístico-identitário como recorrentes em comunidades negras. Os efeitos da mencionada interação entre colono e colonizador ilustram de forma pontual como raça, poder e língua estão interligados e se constituem enquanto forças motoras das relações sociais desde os primórdios das civilizações humanas. O linguista Gabriel Nascimento (2019, p.64) corrobora que “os estudos linguísticos devem aos estudos raciais sua própria reconfiguração”. Por isso, a linguística deve ser pensada como campo para a

desconstrução de paradigmas discriminatórios que foram arquitetados por meio dela mesma.

2.2 O SOFISMA DA LÍNGUA GLOBAL

No que tange à Língua Inglesa, embora existam vertentes ideológicas que defendem o manuseio de tal dialeto⁷ como sendo global, isto é, pertencente aos indivíduos que a utilizam como *Lingua Franca*, e não como posse de um *inner-circle* formado pelos seguintes países: Austrália, Inglaterra, Canadá, Irlanda, Nova Zelândia, e Estados Unidos, ainda confere-se a legitimidade linguística a grupos brancos formadores do *inner-circle* (*círculo interno*), principalmente às populações caucasianas norte-americana e britânica, o que reconfigura a discriminação racial sistemática por meio da língua. Na perspectiva de Silva e Souza (2020, p.12-13):

No que diz respeito ao inglês, para compreender a polarização entre esta língua e os grupos racializados, é fundamental discutir as relações de poder envolvidas na construção do estatuto da Língua Franca conquistada pelo inglês e o fenômeno da globalização, bem como a associação desta língua aos colonizadores brancos e, portanto, indivíduos brancos. O citado status de Língua Franca, conforme afirma Jenkins (2009), diz respeito ao uso da língua inglesa como língua comum para falantes não nativos de diferentes nacionalidades. No entanto, quando refletimos sobre o inglês como Língua Franca, não estamos apenas reconhecendo a forma como ele tem sido usado mundialmente para comunicação. Em vez disso, estamos afirmando que isso pode restringir as identidades de muitos indivíduos à medida em que, ao utilizar esta língua, eles podem suprimir a sua própria para se tornarem 'falantes nativos'.

A associação do prestígio conferido a certas variedades da língua inglesa ao poderio econômico, político e social de seus respectivos falantes põe em xeque as línguas e identidades de grupos não hegemônicos, que são recorrentemente submetidos a um violento processo de nativização branca. Rajagopalan (2012 apud Souza 2020, p.70) evidencia as tensões hegemônicas e identitárias inseridas na tomada do inglês como língua global:

Rajagopalan (2012) em seu artigo “‘World English’ or ‘World Englishes’? Does it make any difference?” nos alerta que o uso da

⁷ Utilizo os termos dialeto e língua como sinônimos, estando ciente das problemáticas envolvidas no uso do vocábulo dialeto. Esses conflitos semânticos serão explorados mais adiante neste estudo.

expressão no singular refere-se à unidade da língua ao passo que no plural remete a uma diferenciação mundial que pode resultar em uma cisão tal como ocorreu com o latim. Rajagopalan (2012) enfatiza, com essa distinção, a tensão local e global entre países, povos e suas identidades no mundo globalizado ainda marcado pelo colonialismo.

Seguindo tal linha de raciocínio, grupos consagradamente deixados à margem da sociedade pelas chacinas coloniais, como afrodescendentes e indígenas, tem suas línguas reduzidas, incoerentemente, a dialetos, fazendo uso pejorativo do termo e objetivando a condenação da legitimidade das mesmas e de suas culturas. Em se tratando do *African American English*, é possível visualizar tal marginalização, uma vez que seus falantes experienciam ataques do que Nascimento (2019, p. 26) denomina como linguicídio: o epistemicídio que ocorre na e pela linguagem, destacando que:

[...] o epistemicídio é linguístico quando desapropria o sujeito de seu próprio direito de produção do saber. Ou seja, quando ao sujeito negro e indígena é negada a possibilidade de ser sujeito na língua e, portanto, compreender e modificar dinamicamente a língua.

Os esforços para enterrar línguas minoritárias objetivam o sepultamento das identidades e, como resultado, das histórias desses povos. Este sepultamento faz parte de um projeto de manipulação dessas populações, sendo que a ausência da identidade implica em sua objetificação histórica. Só para ilustrar, ressaltamos as práticas de renomeação de escravos, que exemplificam outra ação empregada com o intento de deturpar a identidade dos povos africanos (FITZPATRICK, 2012).

Nesse diapasão, reitera-se que esse processo de subjugação linguística gera complicações nas identidades dos contingentes que se dividem em assimilação e marcação. Sobre esse prisma, o linguista Labov (2010), em “Princípios da mudança linguística”, discorre acerca da dialogia entre a construção das identidades sociais e a variação linguística, assumindo que a marcação da identidade pode constituir fator motivador para a mudança linguística. Labov (2010, p.186) destaca, ainda, a possibilidade de estigmatização a que estão sujeitas as variedades linguísticas:

A identidade local pode obviamente ser manifestada. Uma vez que uma característica linguística suba a um nível suficientemente alto de consciência social e se torne um estereótipo, ela pode ser submetida à folclorização e à estigmatização.

Partindo desse pressuposto, a estigmatização remetente às variedades linguísticas existentes não está restrita ao âmbito linguístico, tendo em vista a função da língua como instrumento consolidador das relações sociais. Segundo Gumperz (1996), “...a comunicação influi e reflete as relações de poder e dominação, com o papel que a linguagem joga na formação e perpetuação de instituições sociais, assim como, com a transmissão da cultura”.

Em síntese, no presente capítulo refletiu-se acerca das implicações das relações de poder e raciais sobre o campo linguístico, tal como considerações inerentes à organização dessas relações no uso da Língua Inglesa. Logo, a respeito dessa relação, pode-se salientar que, sobre o uso de seu poder político e econômico, o homem branco não só arquitetou o conceito de raça, racializando os povos colonizados, como também “coloriu”, racializou, suas línguas (NASCIMENTO, 2019). Sendo assim, para compreender a estigmatização linguística vivenciada pela comunidade negra estadunidense, é preciso entender o quadro contextual da diáspora africana na América do norte que possibilitou o desenvolvimento do *African American English*.

2.3. AFRICAN AMERICAN ENGLISH: CONCEITO, ORIGEM E MOVIMENTOS

Visando lançar luz às características do *African American English*, é pertinente pensar nas condições histórico-sociais que o originaram e na sua tomada como troféu de guerra pela comunidade amefricana estadunidense. O *AAE* apresenta, sobretudo, evidências do linguicídio outorgado pela branquitude por meio das políticas escravocratas. A esse respeito, Morgan (2002, p.12) sugere que:

(African American English) É uma evidência de que algo foi silenciado - e a única possibilidade de resolução através da linguagem como um símbolo de reconhecimento coletivo de que escravidão, supremacia branca e racismo aconteceram - quer falemos sobre isso ou não.

Enquanto espaço de luta (NASCIMENTO, 2019), o *African American English* tem sua origem na necessidade de interação provocada pelas situações de contato entre os falantes de língua inglesa e os africanos sequestrados, oriundos de diferentes países, o que arquiteta um cenário propício para o desenvolvimento de uma *Língua Franca*. As situações de contato organizam-se frequentemente em torno de relações caracterizadas por

disparidades de poder entre povos dominantes e dominados (MORGAN, 2002). Logo, considerando o contexto escravocrata que sediou o contato entre africanos e colonos europeus, é inevitável inferir que, frente ao processo de aquisição da língua inglesa, as línguas africanas desempenharam forte influência na formação do que hoje concebemos como *African American English* (RICKFORD, 2000, p.135).

Dando continuidade a discussão aqui proposta, para refletir sobre a terminologia utilizada para fazer referência ao *African American English*, expandiremos um ponto brevemente mencionado nesta pesquisa: a semanticidade do vocábulo dialeto. Enfatizo que nessa pesquisa optamos pelo uso dos termos dialeto e língua como sinônimos, entendendo que dialetos são línguas e línguas são dialetos. Segundo Bagno (1999), a discussão linguística é, por essência, uma discussão política, pois é regulada por seus falantes e a esse respeito, em concordância a Aristóteles, seus falantes são animais políticos. Logo, a escolha de nomear a língua analisada como Língua, com “L maiúsculo”, ou como dialeto, no sentido de reduzir a legitimidade desse sistema linguístico, compõe não somente uma discussão linguística mas, sobretudo, uma discussão política.

O mencionado processo de denominação frequentemente atribui aos sistemas linguísticos de civilizações caucasianas o título de língua e aos sistemas linguísticos oriundos de civilizações étnico-raciais identificáveis o título de dialeto. Esta nomeação tendenciosa marca a diferença de maneira pejorativa, objetivando a deslegitimação das línguas de povos racializados. Logo, a intitulação de sistemas linguísticos como línguas ou dialetos toma os indivíduos que compõem uma comunidade de fala como principal critério para tal categorização.

Nesse sentido, comumente conhecido como “dialeto” dos negros estadunidenses, *Black English*, *Ebonics*, *Spoken soul* ou *African American Vernacular English*, o *African American English* é um sistema linguístico constituído por variações fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e lexicais (GREEN, 2000), utilizado por parte significativa da população afro-americana. Apesar de apresentar sistematicidade, percebida por meio de um conjunto de regras de uso e estrutura, vigoram uma série de discursos pejorativos utilizados historicamente para depreciar o *AAE*. Tais falares definem as nuances da língua afro-americana como desordens e erros gramaticais, utilizando uma linguagem depreciativa para dirigir-se a suas ocorrências e, por consequência, a seus falantes, rotulados equivocadamente como portadores de patologias da linguagem.

São plurais os rótulos tendenciosos que atribuem as singularidades do *AAE* à suposta inferioridade intelectual de seus falantes. Esses rótulos retroalimentam as identidades sociais racistas construídas e consagradas pela branquitude sobre as populações afrodescendentes. Tais signos sociais discriminatórios são perceptíveis nos seguintes discursos que, apresentados em Língua Inglesa, ressaltam os pormenores dos mencionados rótulos:

*“These stupid **niggers**⁸ are born in America. What else should they speak ??? There's no excuse . Though it's true, they talk in such broken English, you can't understand what they are trying to say. Oakland is infested with niggers [...] Blacks have the highest crime rate [...] Blacks have the lowest grade average in the world . Now they ruin English because of more stupidity. Pathetic. (December 26 , 1996) (RICKFORD, 2004, p.204-205) (grifo meu)⁹*

*“For decades, the country has been lamenting the poor academic performance of blacks and there is much to lament. There is no question, however, that many blacks come to school with a serious handicap that is not their fault. At home they have learned a dialect that is almost a different language. **Blacks not only mispronounce words; their grammar is often wrong.** When a black wants to ask, “Where is the bathroom?” he may actually say “Whar da badroom be?” Grammatically, this is the equivalent of “Where the bathroom is?” And this is the way they speak in high school. Students write the way they speak, so this is the language that shows up in written assignments.”¹⁰ (STORMFRONT, 2012¹¹) (grifo meu)*

Sobre os estereótipos raciais marcados nos supracitados trechos e a construção da identidade linguística dos povos amefricanos, cita-se Santos (1983, p.34):

O negro de quem estamos falando é aquele cujo ideal de ego é branco. O negro que ora tematizamos é aquele que nasce e sobrevive imerso numa

⁸ A palavra *Nigger* (N-word) foi empregada historicamente pela branquitude para referir-se e ressaltar a suposta subhumanidade dos africanos escravizados.

⁹ “Esses negros estúpidos nasceram na América. O que mais eles deveriam falar ??? Não há desculpa. Embora seja verdade que eles falem um inglês tão quebrado, você não pode entender o que eles estejam tentando dizer. Oakland está infestada com negros... Os negros tem a taxa mais alta de criminalidade... Negros tem a média de nota mais baixa do mundo. Agora eles arruíram o inglês por causa de masi estupidez. Patético.”

¹⁰ “Há décadas o país lamenta o fraco desempenho acadêmico dos negros e há muito o que lamentar. Não há dúvida, porém, de que muitos negros vêm para a escola com uma deficiência grave que não é culpa deles. Em casa, eles aprenderam um dialeto que é quase uma língua diferente. Os negros não apenas pronunciam mal as palavras; sua gramática geralmente está errada. Quando um negro quer perguntar: “Onde fica o banheiro?” ele pode realmente dizer “Where da bathroom be?” Gramaticalmente, isso equivale a “Onde fica o banheiro?” E é assim que eles falam no colégio. Os alunos escrevem da maneira que falam, então esta é a linguagem que aparece nas tarefas escritas.”

¹¹ Disponível em <https://www.stormfront.org/forum/blogs/u64037-e3298/>. Acesso em 24/10/2021.

ideologia que lhe é imposta pelo branco como ideal a ser atingido e que endossa a luta para realizar esse modelo.

Utilizando os ditos de Santos (1983) sobre a constituição do ideal do ego do negro brasileiro, que é assombrado pelo padrão branco estabelecido como modelo para a constituição de si, para pensar os negros estadunidenses, percebe-se que a tomada do branco como ideal a ser atingido ocorre também no campo linguístico. Por esse motivo, é crucial utilizar e pensar a linguagem como um instrumento antirracista. Santos (1983, p.17) pondera, ainda, que “uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo”. No tocante a isso, o discurso utilizado para tratar o *AAE* exerce forte influência sobre a tomada ou não dessa língua como elemento de resistência cultural negra estadunidense e, para além disso, como elemento unificador de um quilombo global para comunidades afro-diaspóricas que utilizam o inglês como segunda língua. Em concordância a Nascimento (1986, p.124), transpondo as reflexões desta historiadora sobre a resistência negra brasileira ao contexto estadunidense, o quilombo:

passou a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural. Tudo, de atitude à associação, seria quilombo, desde que buscasse maior valorização da herança negra.

O *African American English* torna-se então um locus ideológico para práticas de quilombismo amefricano, uma vez que a amefricanidade “é uma categoria linguística porque exige adaptação, reintegração e criação de novas formas” (NASCIMENTO, 2019, p.53).

2.4 DAS CARACTERÍSTICAS DO AFRICAN AMERICAN ENGLISH

Para propor a implementação de estratégias pedagógicas que valorizem o falar negro em aulas de Língua Inglesa, é importante compreender as diferenças entre o *Standard English* e o *African American English*. O *AAE* dispõe de diversas características sistemáticas nos níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e lexical¹². No entanto, para não colocar em xeque as reflexões propostas neste trabalho, sintetizaremos

¹² Para a obtenção de um panorama completo das características do *AAE*, sugiro a leitura de *African American English: A Linguistic Introduction* de Lisa Green (2002) e *Spoken Soul: The story of Black English* de John Rickford (2000).

apenas algumas das singularidades do inglês afro-estadunidense. Logo, a partir da literatura de Rickford (2000) e Green (2002), as mencionadas singularidades serão expostas na tabela a seguir.

Tabela 1: Panorama das características do African American English

Característica	Descrição	Exemplo
Ausência dos elementos copulares	A deleção da cópula ¹³ é sistemática na maquinaria gramatical do <i>AAE</i> . No entanto, podem ser excluídos apenas os elementos copulares <i>Are</i> e <i>Is</i> no <i>Present Tense</i> .	<i>“We Ø flawless, ladies, tell 'em”</i> ¹⁴ <i>(We are flawless, ladies, tell them)</i> <i>He Ø my cousin (He is my cousin)</i>
<i>Verb to be</i> invariável	É utilizado para discorrer sobre ações que ocorrem de maneira regular, que são habituais. Sinaliza também características estáveis de um sujeito/objeto.	<i>She be telling people we Ø friends. We Ø not, tho. (She is always telling people that we are friends. We are not, though.)</i>
Diferentes padrões de concordância da 3 pessoa do singular (<i>He, She, It</i>)	A não implementação das regras de alteração verbal, incluindo os auxiliares, quando utilizando a terceira pessoa do singular é frequente em <i>AAE</i> .	<i>“That’s a real pretty dress you got on, he say to Nettie. She say, Thank you. Them (Those) shoes look just right. She say, Thank you...”</i> ¹⁵
Negações múltiplas	Tal fenômeno é constituído pelo uso de várias formas negativas em uma frase, sendo tais formas representadas pelos auxiliares (<i>Don’t; Didn’t; Ain’t</i>) e substantivos indefinidos.	<i>“Well, I woke up to go get me a cold pop, then I thought somebody was barbecuing. I said oh Lord Jesus! Ø is a fire then I ran out I didn’t grab no shoes or nothin’, Jesus. I ran for my life and then the smoke gagged me, I got Bronchitis. Ain’t nobody got time for that.”</i> ¹⁶
A pronúncia do fonema <i>th</i>	Tal produção fonêmica pode ocorrer como /t/ ou /f/, em casos em que o <i>th</i> é desvozeado, e /d/ ou /v/, em situações em que os	<i>/Baf/ ou /Bat/ → Bath</i> <i>/Dat/ → That</i>

¹³ Verbos de ligação (*Am, Are, Is*)

¹⁴ Trecho da música *Flawless* de *Beyoncé* e *Nicki Minaj* em <https://www.youtube.com/watch?v=56qgO0C82vY>. Acesso em 16/09/2021.

¹⁵ Adaptação minha para o trecho retirado do romance *The Color Purple* de *Alice Walker*. Disponível em: <https://ia800409.us.archive.org/2/items/the-color-purple-alice-walker/the-color-purple-alice-walker.pdf>. Acesso em 22/10/2021.

¹⁶ Transcrição do depoimento dado por *Kimberly “Sweet Brown” Wilkins* em abril de 2012 em <https://www.youtube.com/watch?v=ydmPh4MXT3g>. Acesso em 15/09/2021.

	usuários do dialeto inglês tradicional produzem o th vozeado.	/Wit/ → With
A não vocalização das consoantes oclusivas vozeadas diante de verbos auxiliares	Rickford (2000) aponta que a não vocalização das oclusivas vozeadas (<i>g, b, d</i>) no início de verbos auxiliares como ‘ <i>don’t</i> ’ e ‘ <i>gonna</i> ’, é parte significativa do sistema de ocorrências do <i>AAE</i> .	<i>I don’t know</i> → ‘ <i>I Øon know</i> ’ <i>I’m going to do it</i> → ‘ <i>Imma do it</i> ’
Níveis mais acentuados de <i>Pitch</i>	No sistema entonacional do <i>AAE</i> os falantes apresentam níveis mais altos de pitch, frequência da voz, podendo a mesma ser alta, aguda, ou baixa, grave. (GREEN, 2002, p.126)	As alterações no <i>pitch</i> são evidentes na seguinte fala de Julius: “ <i>Half the stuff around here I do better than you. It ain’t that hard</i> ” no episódio “ <i>Everybody Hates Fat Mike</i> ” da série <i>Everybody hates Chris</i> . ¹⁷

Fonte: Elaborada pela autora

Reitera-se que a contextualização das características do *AAE* é fundamental para a refutação de discursos discriminatórios que concebem essa língua como um defeito de cor. Por meio da exposição de algumas dessas especificidades e regras de uso e estrutura, a sistematicidade do *AAE* é atestada. Em seguida, apresentaremos a metodologia adotada neste trabalho.

3. METODOLOGIA

Este estudo bibliográfico está pautado em uma abordagem qualitativa. Tal abordagem posiciona as reflexões do pesquisador acerca de determinado fenômeno como elemento central da pesquisa (FLICK, 2009). A adoção do caráter qualitativo está ancorada em minha crença no potencial revolucionário propiciado por reflexões teóricas a fim de as tornar orgânicas. Ao mencionar a transformação de epistemologias teóricas em orgânicas, me refiro a ação investigativa de intelectuais que “são comprometidos com um trabalho intelectual radical que gera mudanças sociais e econômicas” (Hall, 2002, p.15).

Tendo situado tal conjectura, proponho, neste trabalho, o alcance de um entendimento mais pontual e decolonial sobre o *African American English (AAE)*, partindo das situações de contato propiciadas por uma diáspora forçada: a escravização de africanos. Ancorada na fundamentação teórica explicitada anteriormente, comprometo-me

¹⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WhspzWX03Ak>. Acesso em 21/09/2021.

a pensar as relações identitárias intrincadas no uso de tal língua por seus falantes nativos e por falantes negros de inglês como segunda língua, salientando as contribuições dessa epistemologia para pensar o ensino de Língua Inglesa. Flick (2009, p.23) reconhece a relevância da seleção de teorias e métodos na pesquisa qualitativa ao ratificar que:

Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento.

Os fundamentos da pesquisa qualitativa são encontrados neste trabalho, ao passo em que estabeleço reflexões críticas sobre a fundamentação teórica apresentada previamente para (trans)formar epistemologias e práxis. Partindo dessa conjuntura, no próximo capítulo analisaremos as potencialidades trazidas pela inserção do *AAE* em aulas de língua inglesa.

4. POTENCIALIZANDO IDENTIDADES NEGRAS POR MEIO DO *AFRICAN AMERICAN ENGLISH*

Na presente seção, serão realizadas ponderações acerca do potencial trazido pela inserção do *African American English* para (re)pensar o ensino e a aprendizagem da língua inglesa. Portanto, ao contemplar essas implicações potencializadoras é preciso reiterar as bifurcações identitárias engendradas pelos conflitos de raça, poder e língua explorados anteriormente.

Diante do entendimento de que as relações hegemônicas influenciam o estabelecimento de concepções de linguagem que, por sua vez, regem o ensino de língua inglesa na atualidade, as aulas da língua em questão devem ser pensadas como espaços de luta pela valorização das identidades sociais e linguísticas negras. Isso posto, partindo das discussões sobre a conceituação e caracterização do *AAE*, em uma perspectiva decolonial, o ensino da língua inglesa precisa transformar-se em um espaço para a solidificação da legitimidade de ingleses que, como o *AAE*, foram marcados pelas identidades de comunidades racializadas.

À vista disso, para combater concepções de linguagem tendenciosas em sala de aula, é imperativo examinar e refutar discursos que retratam o *AAE* como “*broken*

English”, “*lazy English*” e “*language mutilation*”, perpetuando uma espécie de linguicídio na modernidade (NASCIMENTO, 2019). Por esse ângulo, o *African American English* emerge como artefato decolonial substanciador de identidades linguísticas negras, não apenas por colocar em xeque conceituações linguísticas discriminatórias, mas também por oferecer indícios de que o armamento linguístico constitui uma possibilidade de luta (NASCIMENTO, 2019).

Refletindo sobre as condições histórico-sociais que conceberam o *AAE*, constatamos que revoltar-se linguisticamente - racializar a língua do antigo dominador¹⁸ - é transpor pedaços de sua identidade diaspórica à existência, é levantar um quilombo com as ferramentas do opressor. Tal quilombo, segundo Nascimento (1976, p.70), “se forma mais na necessidade humana de se organizar de uma forma específica que não aquela arbitrariamente estabelecida pelo colonizador”. Nesse ponto, desvendar quilombos linguísticos significa também explorar possibilidades didáticas que baseam-se em narrativas protagonizadas e pensadas pelo próprio negro.

Como já problematizado previamente neste artigo, uma das sequelas do (neo)colonialismo linguístico é a tendência predominante de incluir apenas referenciais linguísticos e culturais caucasianos em aulas de inglês, o que resulta na estigmatização do inglês de comunidades negras como “terrorismo linguístico” (ANZALDUÁ, 2009, p.310). Por meio dessa demonização e invisibilização linguística, as práticas coloniais se perpetuam na linguagem, afetando a relação de estudantes negros e negras com a língua inglesa, já que a ausência de identificação com a língua-cultura exposta em sala de aula coloca a aprendizagem dessa língua em xeque, a transformando em um território inalcançável ou, em outras palavras, em “coisa de rico” e “coisa de branco”.

O processo de produção de sentido na aquisição da língua inglesa demanda do docente a obtenção de um olhar sensível às epistemes que podem ser significativas para fomentar tal aquisição, contemplando, como almejado aqui, culturas e identidades negras. Em vista disso, o trabalho com o *AAE* é significativo pois pode promover o levante de um quilombo linguístico - um lócus de resistência e identificação negra - visto que seu estudo dá margem a um processo de resistência linguístico-cultural protagonizado por amefricanos. No que tange aos estudantes afrodescendentes, implementar uma estética

¹⁸ <http://aparecidadejesusferreira.blogspot.com/2020/10/racializar-educacao-linguistica-critica.html>. Acesso em 22/10/2021.

diaspórica (MERCER, 1994)¹⁹- isto é, uma estética que insira referenciais afrocentrados nas concepções de culturas anglófonas - e estudar o *African American English* os habilitará a entender e se articular utilizando a língua(gem) de outra comunidade diaspórica, contribuindo para o fortalecimento de laços transatlânticos.

Ao promover a exposição do *African American English* no contexto escolar, deve-se frisar que os ataques a língua dos negros estadunidenses consituem uma perpetuação da tentativa escravista de desmonte identitário negro. Em oposição a tais projetos de destituição identitária, que tem projeção para diversos países cujos solos foram adubados por sangue negro, as perspectivas pedagógicas que centralizam raça como um fator constituidor de identidades linguísticas promovem o estreitamento de vínculos transatlânticos que unem corpos diaspóricos.

Acerca da tentativa de destituição do ego negro pela linguagem, Anzaldúa (2009, p. 312) determina que “[...] se você quer mesmo me ferir, fale mal da minha língua. A identidade linguística e étnica são unha e carne - eu sou minha língua. Eu não posso ter orgulho de mim mesma até que eu possa ter orgulho da minha própria língua”. Contextualizando o que Anzaldúa profere sobre o espanhol chicano ao contexto estudado neste trabalho, as identidades negras diaspóricas só podem ser valorizadas quando suas identidades linguísticas são também apreciadas e reconhecidas como legítimas.

Ainda a respeito do âmbito escolar, considerando que os alunos não negros não são categorizados como potenciais falantes do *African American English*, por questões inerentes a apropriação cultural que não serão detalhadas aqui, surge, então, o seguinte questionamento: Para que educar alunos não negros a respeito do *AAE*? A resposta para tal indagação encontra-se na necessidade da implementação de práticas coletivas de letramento racial crítico em aulas de línguas, envolvendo e responsabilizando indivíduos não negros como agentes na luta antirracista. Ferreira (2014, p. 250) aponta que

Vale dizer que, para termos uma sociedade mais justa e igualitária, temos que mobilizar todas as identidades de raça branca e negra para refletir

¹⁹ Mercer (1994, p.63-64) descreve tal estética a seguir: Numa gama inteira de formas culturais, há uma poderosa dinâmica sincrética que se apropria criticamente de elementos dos códigos mestres das culturas dominantes e os "criouliza", desarticulando certos signos e rearticulando de outra forma seu significado simbólico. A força subversiva dessa tendência hibridizante fica mais aparente no nível da própria linguagem (incluindo a linguagem visual) onde o crioulo, o patois e o inglês negro desestabilizam e carnalizam o domínio linguístico do "inglês" — a língua-nação [nation-language] do metadiscorso — através de inflexões estratégicas, novos índices de valor e outros movimentos performativos nos códigos semântico, sintático e lexical.”

sobre raça e racismo e fazer um trabalho crítico no contexto escolar em todas as disciplinas do currículo escolar. E também na área de línguas, pois a área da linguagem também é responsável por educar cidadãos que sejam críticos e reflexivos sobre como o racismo está estruturado na sociedade. Sobre a eficácia da abordagem crítica como instrumento que revela e problematiza preconceitos e estereótipos ...

Dessa forma, o estudo do *African American English* apresenta benefícios não apenas linguísticos mas, ainda, sociais, aos sujeitos envolvidos em tal investigação, contribuindo para o desenvolvimento de cidadãos possivelmente mais letrados em temáticas raciais. É crucial ressaltar que incluir o *AAE* em programações pedagógicas não deve inferir na exclusão do inglês “padrão” do currículo letivo, já que este dialeto ainda é predominantemente utilizado em diversas esferas sociais. O que objetiva-se com a inserção de referenciais linguísticos culturais negros nas aulas da língua inglesa é a propiciação de um processo de aprendizagem mais significativo para estudantes afrodescendentes e a desconstrução de arquétipos sociais que concebem o *African American English* como resultado de uma mutilação linguística. A seguir, disponho de algumas possibilidades para introduzir o *AAE* na esfera educacional.

Em primeira instância, a partir do episódio *Part One*²⁰ do seriado *When They See Us*, é possível identificar diversas características do *AAE* nos discursos dos personagens negros, tal como o uso de negativas múltiplas, diferentes padrões de concordância com 3 pessoa do singular e a omissão da cópula. Em acréscimo, o episódio elencado pode propiciar uma relevante discussão sobre o cunho estrutural do racismo que arquiteta nosso modo de (sobre)viver enquanto corpos em diáspora, problematizando, de forma mais pontual, a atuação da polícia em relação à população negra. Com base nessa atividade, as identidades discentes podem ser potencializadas ao passo em que discutir o racismo por uma perspectiva estrutural resulta no fortalecimento de movimentos e ações que reivindicam deslocamentos de poder e reestruturações sociais, políticas e econômicas.

Em segunda instância, o professor pode explorar as possibilidades que emergem ao suscitar elementos da cultura *hip hop*, tal como o gênero musical *rap*. Apoiando-se no videoclipe *This is America* de Childish Gambino, por exemplo, o docente possui a opção de explorar temáticas relacionadas a discriminação racial, valendo-se das multimodalidades utilizadas no vídeo e, para além disso, situando a recorrente utilização do *AAE* no gênero musical *Rap*. Dessa maneira, objetivando propiciar um entendimento do projeto de dizer do *rapper*, pode-se requerer a identificação de alguns fenômenos

²⁰ Disponível na plataforma de *streaming* Netflix.

característicos do *AAE* na música, em conformidade a tabela e estudos indicados neste trabalho. De forma específica, o âmbito lexical do *AAE* pode ser enfatizado nesta discussão, uma vez que a canção analisada dispõe de gírias e construções lexicais características do *AAE*.

Em terceira instância, há também a alternativa de apoiar-se na temática da diáspora africana, dando ênfase aos processos de escravização que resultaram na “dispersão” dos contingentes negros. Ao propor tal discussão, o enfoque deve ser direcionado ao âmbito linguístico, discutindo e pontuando as diversas línguas que foram colocadas em contato e como tal contato modificou e gerou diferentes formas de falar. Assim, é possível explorar os *World Englishes*²¹ e, como almejado neste estudo, evidenciar o *African American English*, sua africanização e singularidades.

Em quarta instância, na esfera literária, sugerimos a adoção da obra *The Colour Purple*²² de Alice Walker como ponto de partida. É possível realizar um riquíssimo trabalho tomando as cartas escritas por *Celie*, personagem principal, como material didático. A literatura de Walker tem por especificidade um sofisticado uso do *AAE*. Por isso, seria produtivo estudar algumas das narrativas mencionadas e, posteriormente, analisá-las por meio das cenas correspondentes na adaptação cinematográfica da obra. Desse modo, as/os estudantes conseguiriam identificar as características do *AAE* no texto escrito e também perceber as nuances do nível suprasegmental a partir do filme. Em adendo, os/as estudantes podem se fundamentar nessas nuances para (re)pensar a relação de tais características às práticas sociais em que os mesmos mobilizam suas identidades.

Existem diversas possibilidades pedagógicas que podem ser exploradas para introduzir o *African American English* em aulas de inglês. Cabe ao docente, analisar as demandas socioculturais de sua classe para selecionar propostas didáticas que melhor se adequem a cada turma. Entretanto, ao fazer tal introdução o docente deve estar atento às singularidades do *AAE*, evitando esvaziar a complexidade do *African American English* em discursos que o retratam apenas como um dialeto negro. As características dessa língua devem ser expostas em uma perspectiva decolonial - o que significa compreender a dimensão social, política e cultural dessa língua, que não pode ser reduzida apenas a uma disparidade.

²¹ RAJAGOPALAN, K. “World English’ or ‘World Englishes’? Does it make any difference? *International Journal of Applied Linguistics*. Vol. 22 No. 3, 2012

²² <https://ia800409.us.archive.org/2/items/the-color-purple-alice-walker/the-color-purple-alice-walker.pdf>. Acesso em 22/10/2021.

Em síntese, racializar a língua inglesa a partir do *AAE* é importante na medida em que, por meio do apontamento da criouliização que se deu na mencionada “língua franca”, podemos “desinventar um mundo que desmotiva e esvazia a luta negra” (NASCIMENTO, 2019, p.110), potencializando identidades negras. Alicerçados nessa racialização linguística, indicamos a relevância do desnudamento da categoria da amefricanidade enquanto um guarda chuva para pensar outros ingleses diaspóricos, tal como um possível inglês afrobrasileiro²³.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fundamentados nas discussões introdutórias deste trabalho, ao pensar as encruzilhadas identitárias que manifestam-se na relação entre o negro e a língua(gem), verificamos a necessidade de centralizar os estudos linguísticos em um debate que acentue os conflitos de raça e as relações de poder que os perpassam. Tal debate inclui a problematização de noções relativas à superioridade da norma padrão do dialeto inglês, que mascaram as múltiplas violências envolvidas no processo de expansão da língua inglesa, com enfoque na escravização negra. Essa conjuntura reverbera o intuito deste trabalho, já que realizar este movimento de situar e problematizar as lutas que perpassam o campo linguístico proporciona a implementação de práticas pedagógicas decoloniais que potencializam o ensino de língua inglesa a partir do *AAE*.

Por meio do estudo do *African American English*, concluímos que tal língua atua como um quilombo linguístico, já que possibilita a marcação e (re)existência identitária de seus falantes enquanto filhos da diáspora e materializa as tensões entre língua(gem), poder e raça. Assim, sua introdução no ensino de língua inglesa tem benefícios significativos quando organiza-se a partir do questionamento e eliminação de práticas que conservam as tentativas de apagamento negro das culturas anglófonas. Dentre esses benefícios, destaca-se a viabilização de um processo de ensino e aprendizagem socioculturalmente relevante aos discentes, a propiciação de reflexões críticas sobre os trajetos diaspóricos de comunidades negras, a efetivação de práticas de Letramento Crítico Racial e, por fim, a possibilidade de marcação, resistência e reexistência identitária e racial por meio da língua.

²³ Estudos futuros devem contemplar a amefricanidade enquanto categoria linguística que abrange ingleses diaspóricos, pensando, principalmente, nas especificidades de um possível inglês afrobrasileiro.

Para ultimar nossa discussão, ratificamos que promover o ensino e aprendizagem decolonial de inglês, deslocando poder e egos, por meio de uma estética diaspórica significa amplificar vozes historicamente oprimidas e oferecer aos alunos a possibilidade de (des)construir e fortalecer identidades negras. Apontamos que estudos futuros devem esquadrihar mais as singularidades do *AAE* e atestar os efeitos de sua inserção no comportamento de estudantes em processo de aquisição linguística, na seleção e produção de material didático e nos desdobramentos para identidades discentes e docentes. Finalmente, ressaltamos a necessidade de averiguar possíveis ingleses de outras comunidades afro-diaspóricas, como o inglês afrobrasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz. **O que é racismo estrutural?** 1. ed. Belo Horizonte: Letramento, 2018. v. 1.

ANZALDUÁ, Glória. **Como domar uma língua selvagem.** Tradução de Joana Plaza Pinto, Karla Cristina dos Santos e Viviane Veras. Caderno de letras da UFF- Dossiê: Difusão da Língua Portuguesa, n 39, p.297-309, 2009.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico;o que é, como se faz.** São Paulo:edições Loyola,2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística.** Editora Contexto: 2014.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo,** 1ª Ed. Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa. 1978.

DEGRAFF,Michel. ***Demystifying Creolization, Decolonizing Creole Studies.*** In: Different Spaces, different voices: A Rendezvous with decoloniality. Edited by: Sayan Dey. 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Educação antirracista e práticas em sala de aula: uma questão de formação de professores.** 2021. In: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/408>. Acesso em 25/10/2021.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Teoria Racial Crítica e Letramento Racial Crítico: Narrativas e Contra Narrativas de Identidade Racial de Professores de Línguas.** Revista da ABPN • v. 6, n. 14 • jul. – out. 2014, p. 236-263.

Fitzpatrick, Liseli A. *African Names and Naming Practices: The Impact Slavery and European Domination had on the African Psyche, Identity and Protest*. Em <https://doczz.net/doc/1051105/african-names-and-naming-practices>. Acesso em 15/10/2021.

FLICK, Uwe. Pesquisa qualitativa: por que e como fazê-la. In: **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 3ª ed., 2009, 405 p.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural da amefricanidade**. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro. N. 92/93(jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

GREEN, Lisa J. *African American English: a linguistic Introduction*. Cambridge University Press. 2002.

LABOV, William. *Principles of linguistic change. Volume III: Cognitive and Cultural factors* (Language in Society 20). Oxford: Blackwell, 2010.

MERCER, Kobena. *Diaspora Culture and the Dialogic Imagination*. In: Welcome to the Jungle-. New Positions in Black Cultural Studies. London: Routledge, 1994. p. 63-64.

MORGAN, Marcyliena. *Language, Discourse and Power in African American Culture*. Cambridge University Press, 2002.

NASCIMENTO, Beatriz. **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra**. Publicado originalmente em: **Jornal IDE. No. 12. Sociedade Brasileira de Psicanálise – São Paulo**. Dezembro, 1986, p. 8.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo Linguístico: Os subterrâneos da Linguagem e do racismo**. Belo Horizonte, MG: Letramento, 2019.

PHILLIPSON, Robert. 1992. *Linguistic imperialism*. Oxford university Press. 365.

RICKFORD, John. *Spoken Soul: The story of Black English*. John Wiley & Sons, Inc. 2000.

RICKFORD, John. *Spoken Soul: The beloved, Belittled Language of Black America*. In Fought, 2004, pp. 198-208.

SILVA, Leticia Fernanda Carvalho; SOUZA, Gasperim Ramalho de. *USING THE MASTER'S TOOL TO DISMANTLE THE MASTER' S HOUSE : The two-ness in the construction of black English teachers' identity in Brazil*. In: Kwanissa Revista de Estudos Africanos e Afrobrasileiros, v.4, n.8, jan/jun 2021. Disponível em <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/15266>. Acesso em 20/10/2021.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal. 1983.

SOUZA, Gasperim Ramalho de. *Por uma língua estrangeira inclusiva: o letramento crítico e a teoria da complexidade no ensino de inglês*. (Tese doutorado) - Centro

Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, 2020.

VYGOTSKY, L. S. **A Educação Social da Mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver**; 2009. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/132966867/WALSHCatherineinterculturalidadecritica-e-pedagogia-decolonial>. Acesso em 24/10/2021.